

# Roberto Segre, o Ministério da Educação e o Mundo

Gustavo Rocha-Peixoto

Anat Falbel

---

ROCHA-PEIXOTO, G.; FALBEL, A. Roberto Segre, o Ministério da Educação e o mundo. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 112-118, jan/jun. 2016

---

**Gustavo Rocha-Peixoto**, professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ 1980); especialista em filosofia (UFRJ 1985); mestre em Arquitetura (UFRJ 1995); doutor em História Social (UFRJ 2004); pós-doutoramento (University of Pennsylvania - 2014). Tem experiência profissional na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, e Preservação e pesquisa do Patrimônio Cultural. Atua principalmente nos temas: pensamento, história e crítica da arquitetura e da cidade, arquitetura e urbanismo no rio de janeiro, patrimônio cultural, restauração arquitetônica. Entre 2006 e abril de 2010 foi o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo entre 2010-2012. Entre 2013 e 2014 Visiting scholar na Universidade da Pensilvânia - EUA. Pesquisador subsidiado pela Fundação CAPES, Ministério da Educação, Brasil.

**Anat Falbel**, possui graduação em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1982), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003), e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (2010). Atualmente é pesquisadora colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, imigração, historiografia, arquitetura sinagoga, e as relações entre arquitetura e fotografia.

**R**oberto Segre considerava que seu último livro "*Ministério da Educação e Saúde. Ícone Urbano da Modernidade Brasileira*" seria sua mais importante contribuição para a historiografia da arquitetura. Ele não chegou a ver pronto o grande volume de 554 páginas que foi lançado pela editora Romano Guerra em 2013 poucas semanas depois do inesperado falecimento de Segre – aos 78 anos de idade – em acidente de trânsito.

Rapidamente o livro foi aclamado como a mais importante produção teórica do ano pelo Instituto de Arquitetos do Brasil-RJ. No ano seguinte foi consagrado com prêmio do júri do prestigioso **Comité International des Critiques d'Architecture – CICA**. Também em 2014 mereceu a mais respeitável premiação editorial brasileira – o Prêmio Jabuti – concedido in memoriam na categoria arquitetura e urbanismo pela Câmara Brasileira do Livro. E o ano não terminaria sem que lhe fosse ainda concedido o **Prêmio ANPARQ** de melhor livro autoral.

Com certeza essa série de prêmios dados ao livro contém um tributo ao grande historiador e crítico; ao professor e jornalista em reconhecimento pelo conjunto de sua obra. Mas as homenagens tão honrosas consagram especialmente o livro excepcional.

A novidade não está em explorar um tema novo. Ao contrário, trata-se do edifício mais estudado, publicado e aludido da arquitetura brasileira. Desde as grandes sínteses da arquitetura do Brasil e as histórias mundiais da arquitetura moderna à literatura especialmente dedicada ao Ministério, o objeto não é absolutamente inédito. Escrever um livro sobre o MES significava realizar um projeto de grande envergadura que precisava controlar inteiramente tudo o que jamais fora escrito sobre ele e ainda inovar.



profundidade. Além dos edifícios comerciais, hotéis e sedes administrativas, foram projetadas edificações residenciais, o que possibilitou a vitalidade funcional no corredor do espaço público. No caso da Avenida Central, onde não foi permitido o uso residencial, o eixo viário se sobrepôs a uma divisão irregular de terrenos de pequenas propriedades, que determinou uma estrutura de tamanho desigual em relação aos espaços livres para os edifícios que emolduravam a avenida.

Não é, portanto, casual que o chamado conceito para configurar o marco arquitetônico não definisse obras concretas, mas principalmente o desenho de fachadas<sup>10</sup>, sendo debitada a consistência urbanística do conjunto e sua posterior conservação. Primeiramente, em 1925, surgiram os edifícios altos na Praça Mauá e o Palácio Fluminense (Cineclube); depois, na segunda fase de modernização do Rio de Janeiro, a partir da década de 1930, caracterizada por uma forte rejeição à arquitetura eclética por parte das autoridades do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em particular por Lúcio Costa<sup>11</sup>, aprovou-se a construção de torres de escritórios no eixo da avenida, antecipada já no final dos anos 1920 pela demolição dos modelos ecléticos: um dos primeiros na Praça Mauá foi a torre do jornal *A Noite*, de 22 andares, projetada em 1929 por Joseph Gué e Elliott da Cunha Buarque<sup>12</sup>.

A construção do ciclo acadêmico, em substituição à herança portuguesa, teve dois momentos inteiros no primeiro quarto de século, iniciativas que se materializaram nas escolas urbanística e arquitetônica: o conjunto de obras iniciado por Pereira Passos em 1902, e finalizado em 1910, e a eliminação do Morro do Castelo, encetada pelo prefeito Carlos Sampaio entre 1920 e 1922, que liberou os terrenos necessários para a Exposição do Centenário da Independência<sup>13</sup>. Em termos estruturais, a Avenida Central, uma fessura na malha compacta do centro ao longo de 1.800 metros, constituiu o principal eixo viário que sustentou a cidade e o plano da Direção. Suas ramificações fortaleceram o sistema de praças, concebidas como centralidades funcionais diversificadas, que conformaram os principais espaços públicos urbanos: a Praça XV, face ao antigo Palácio Imperial; a Praça Tiradentes, que concentrou os primeiros teatros e cinematógrafos da cidade; a Praça da Independência (Campo de Santana).

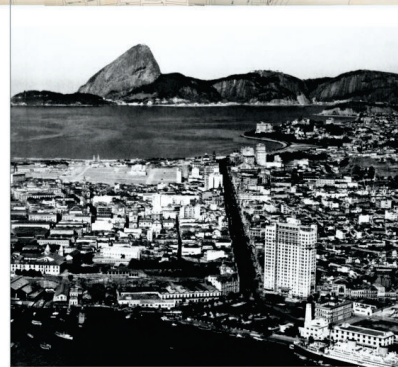


Figura 1 páginas do livro. SEGRE, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945*. São Paulo, Romano Guerra, 2013.

Desde a juventude Roberto Segre se consagrara como explorador de territórios. A partir de Havana levantou, sistematizou e divulgou a arquitetura moderna de Cuba, do Caribe, da América Latina. O objeto difuso de suas pesquisas era um continente inteiro. Então a escolha de um edifício singular como tema concentrado não era prática corriqueira no trabalho do historiador. Mas, de fato, desde a época em que se transferiu para o Brasil, em 1994, as pesquisas e escritos estavam sofrendo uma progressiva mudança de método. Pouco a pouco ele deixava a exclusividade do modo marxista clássico e admitia cada vez mais a vontade de aprofundamento. Os objetos passavam a se destacar mais e mais das estruturas interpretativas *a priori*. Ao vir para o Rio de Janeiro, Segre estava animado com as possibilidades de integrar a computação gráfica e a análise digital entre os instrumentos de compreensão crítica e de síntese histórica. O ambiente em torno do qual se integrou uma equipe de professores

e alunos de graduação e pós da Universidade Federal do Rio de Janeiro era o LAURD, Laboratório de Análise Urbana e Representação Digital que Segre coordenou no PROURB até morrer.

O LAURD ofereceu a ele material e pessoal para empreender estudos históricos auxiliados pela computação gráfica. O Brasil forneceu a possibilidade de incorporar a gráfica digital nas investigações da história da cidade e da arquitetura. Segre começou então a coordenar pesquisas com recorte mais pontual.

Um projeto de pesquisa iniciado pelo seu time no ano 2000 tinha o título *Ícones urbanos e arquitetônicos no Rio de Janeiro: contribuição aos sistemas simbólicos da cidade do Rio de Janeiro no século XX*. A pesquisa tinha como objetivo destacar poucos edifícios emblemáticos e desenvolver análise extensiva de história, teoria, projeto, estrutura, representação e, enfim, toda a complexidade do fenômeno arquitetural. Porém, passados 13 anos, o projeto permanecia concentrado em um único objeto – o edifício sede do antigo Ministério da Educação e Saúde. O recorte radical permitiu à equipe e ao seu líder desvendar em grande profundidade o complexo emaranhado de sentidos, símbolos, significados do MES.

Dois anos antes de sua publicação o projeto já era mencionado em um texto de caráter autobiográfico escrito por Segre, e publicado nos Cadernos PROARQ, que nos dá umas chaves importantes para entender arcabouço teórico do projeto e do livro. Efetivamente junto com o relato de sua contínua e profunda relação com a cultura arquitetônica italiana, Segre explicitava as fontes teóricas e metodológicas que marcaram a sua formação, apontando para aquelas de maior incidência sobre o seu derradeiro projeto de pesquisa:

a idéia [sic] que a história é um labirinto – Argan – cheio de interrogações que segundo Tafuri, devem ser reveladas. A concretização da tese de Joseph Quetglas – que uma obra pode apenas resumir uma história social, cultural e arquitetônica de um determinado período e de um país<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> *ibid*, p. 316

Com efeito, o vocabulário e as abordagens teóricas de Segre foram forjados ao longo de uma trajetória durante a qual ele operou tanto as expressões das grandes narrativas, como do reconhecimento das heterogeneidades dos processos de transferências culturais. Sempre atento aos movimentos e às nuances da arquitetura e sua crítica, ele absorveu e incorporou as

distintas formulações e posicionamentos de pelo menos três gerações de arquitetos, historiadores e críticos representadas aqui pelos nomes de Giulio Carlo Argan (1909-1992), Manfredo Tafuri (1935-1994) e Josep Quetglas (1946-).

A estrutura do livro revela um projeto ambicioso no que diz respeito às abordagens e às questões propostas pelo autor. Logo no primeiro capítulo, Segre justifica a sua abordagem historiográfica nos termos da micro-história defendida por Carlo Ginzburg<sup>3</sup>.

Especial energia foi dedicada aos significados metafóricos implícitos no edifício do MES e a sua presença na dinâmica da urbanística carioca. Eles foram analisados na conjuntura social, política e cultural dos anos 1930 e 1940<sup>4</sup> e se beneficiaram da revisão mais recente da historiografia da arquitetura moderna brasileira nos anos 1990. Entre esses pontos de inflexão estavam levantamentos documentais pioneiros como o estudo realizado por Mauricio Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá, "Colunas da Educação"<sup>5</sup>, assim como os primeiros ensaios sobre a criação, a política cultural e os intelectuais que atuaram no organismo oficial responsável pelo patrimônio histórico e artístico nacional, o IPHAN<sup>6</sup>. Outras contribuições fundamentais pela divulgação de fontes primárias para o entendimento dos encontros entre a modernidade europeia e brasileira foram a publicação, datada ainda de 1987, da documentação relativa ao Brasil encontrada no arquivo da *Fondation Le Corbusier, Le Corbusier e o Brasil*<sup>7</sup>, seguida mais de dez anos depois (1998) pela edição coordenada por Yannis Tsiomis de *Le Corbusier Rio de Janeiro 1929 1936*<sup>8</sup> que por sua vez incluía os projetos propostos pelo mestre em suas visitas de 1929 e 1936 a partir de simulações gráficas, metodologia semelhante àquela que seria utilizada posteriormente nos projetos coordenados por Segre no LAURD.

Nesse sentido, o novo livro pode ser entendido como uma grande síntese construída a partir das investigações que propuseram uma historiografia fundamentada em fontes documentais primárias. Ao mesmo tempo, os confrontos entre as vanguardas e o nacional, ou cosmopolitismo e localismo, ou ainda entre o internacionalismo e a pretendida independência cultural conforme a abordagem proposta por Segre permite inserir esta nova publicação entre os estudos mais recentes dedicados às "múltiplas modernidades"<sup>9</sup> que se descortinaram no campo da arquitetura e do urbanismo durante o processo de descolonização no segundo pós guerra. Estes mesmos temas já tinham sido enfrentados por Segre em suas primeiras publicações quando ainda estabelecido em Buenos Aires e

<sup>3</sup> Segre, Roberto *Ministério da Educação e Saúde. Ícone Urbano da Modernidade Brasileira*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2013, p. 42-43; 70

<sup>4</sup> *ibid*, p. 42-43.

<sup>5</sup> Lissovsky, Mauricio; Sá, Paulo Sérgio Moraes de *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: MEC/IPHAN/Fundação Getulio Vargas/CP-DOC/Edições do Patrimônio, 1996.

<sup>6</sup> Sobre a criação e a política cultural do IPHAN, lembramos três autores, todos eles publicados pelo IPHAN: Lauro Cavalcanti *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-IPHAN, 1993; José Reginaldo Santos *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-IPHAN, 1996 (fruto do doutorado defendido pelo autor ainda em 1987 na Universidade de Virginia), e Maria Cecília Londres Fonseca *Os arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)* (fruto de seu doutorado defendido na UFRJ em 1998).

<sup>7</sup> Ver Santos, Cecilia R. dos; Pereira, Margareth C. da S.; Pereira, Romão V. da S.; Silva, Vasco C. da. *Le Corbusier e o Brasil* São Paulo: Tessela/Projeto, 1987.

<sup>8</sup> Yannis Tsiomis ed. *Le Corbusier - Rio de Janeiro: 1929, 1936*. Paris: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

<sup>9</sup> Ver Eisenstadt, S. N. "Multiple Modernities" in *Daedalus*, v. 129, n. 1, 2000, p. 1-29; Therborn, Göran "Entangled Modernities", in *European Journal of Social Theory* 6 (3), 2003, p. 293-305.

Havana. Ele via que a América Latina era tratada como parte do assim chamado “Global South”, juntamente com a África, o Oriente Médio, e o subcontinente hindu<sup>10</sup>, apesar da precedência histórica dos rompimentos com os Impérios coloniais que os países da América Latina (e particularmente o Brasil) assistiram desde o início do século XIX.

<sup>10</sup> Ver Ward, Stephen V. “Transnational Planners in a Postcolonial World” in *Crossing Borders. International exchange and planning practices*. Healey, Patsy; Upton, Robert ed., Londres: Routledge, 2010, p. 47-72.

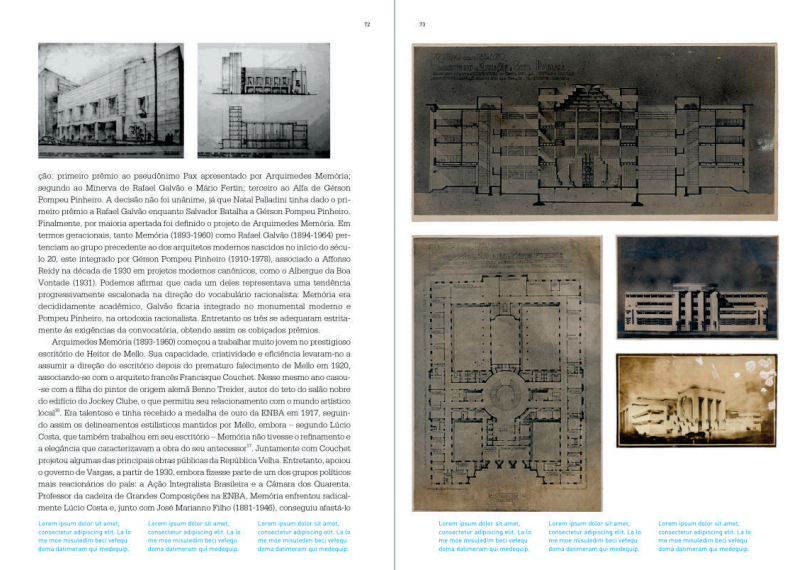


Figura 2 páginas do livro. SEGRE, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945*. São Paulo, Romano Guerra, 2013.

O livro relata como, a partir do último quartel do **século XIX** vemos não somente a absorção, mas o surgimento mesmo, de uma articulação internacional de urbanistas e arquitetos modernos que atuaram no mundo pós-colonial por encomenda de instituições públicas ou privadas. O texto permite apreender o duplo impacto das praticas transnacionais que se apresentam nos papéis, métodos e instrumentos de desenho de arquitetos e urbanistas.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Ver Casciato, Maristella; Avermaete Casablanca Chandigarh A Report on Modernization. Montreal: CCA- Park Books, 2014, p. 40.

O livro não apenas articula fontes documentais primárias, mas faz exaustiva análise historiográfica do edifício e – lançando mão de maquetes eletrônicas e outros recursos computacionais – integra novas possibilidades de interpretação daquele “ícone”. Não é que este seja o livro definitivo sobre o MES, mesmo porque isso é coisa que não pode existir sobre um edifício tão significativo e polêmico. Mas todos os meandros das visitas de Le Corbusier, do concurso de projetos para o edifício, das variantes de projeto até a versão final executada foram enumerados. O edifício permite a entender os processos **socioculturais** que lançaram a carreira de Oscar Niemeyer e determinaram a ‘vitória’ do movimento moderno e do grupo de arquitetos liderado por Lucio Costa.

A partir do edifício, o livro reinterpreta o Centro do Rio de Janeiro em sua multiplicidade urbanística. O

livro faz emergir do edifício a visão que desvela os conceitos de monumentalidade, leveza, transparência e fluidez que definirão, daí para a frente, a arquitetura moderna do Rio de Janeiro – senão de todo o Brasil. Mas a gráfica digital lança nova luz sobre a estrutura portante, sobre os sistemas e equipamentos, sobre os materiais e técnicas construtivas.

Figura 3  
páginas do livro. SEGRE, Roberto.  
*Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945.* São Paulo, Romano Guerra, 2013.



O livro ainda desvenda o sistema de articulação e síntese das artes tão caro a Le Corbusier a partir da experiência no edifício. De fato o MES integrou expoentes da pintura, escultura, desenho, azulejaria, paisagismo, jardinismo, mobiliário fixo e móvel. Se tudo isso já não bastasse, Segre trata ainda o MES como patrimônio cultural submetido às sucessivas vicissitudes de sua história breve e intensa. O palácio concebido para ser ministério revolucionário – expressão artística de uma modernidade radical – logrou o sucesso improvável de se ver reproduzido ao ponto de determinar o anseio por uma nova capital. E essa transferência resultou – ao cabo – na supressão do status de ministério enquanto sua radicalidade urbanística era superada pela da nova Capital.

Se olharmos com atenção, veremos que *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira* não é simplesmente um livro sobre um único edifício, mas um esforço de descobrir o mundo através de um ícone, isto é, de uma imagem representativa. Se na arte bizantina e russa os ícones são figuras do sagrado, Segre viu no objeto consagrado uma figura da modernidade.

Segre diz na introdução que *Este livro surgiu da paixão individual e coletiva pelo edifício do Ministério da Educação e Saúde – MES, atual Palácio Gustavo Capanema*<sup>12</sup>. Depois admite que o livro resulta de uma admiração pelo Rio de Janeiro que começou na sua tenra juventude e, em seguida confessa *um relacionamento subliminar*

<sup>12</sup> Segre, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde, ícone urbano da modernidade brasileira*, p. 30

... com dois personagens essenciais de nossa arquitetura, primeiro com *Le Corbusier* e depois com *Oscar Niemeyer*.<sup>13</sup> A longa trajetória de crítico e historiador da arquitetura moderna e a consagrada importância do edifício teriam permitido justificativa mais objetiva para a escolha do tema, mas Segre preferiu começar o texto declarando suas paixões.

<sup>13</sup> *ibid*, p. 40

Nas duas semanas que antecederam o seu falecimento ele estava transbordante de contentamento com os originais eletrônicos do volume. Ele parecia reconhecer que esse seria seu escrito mais importante. *Este é o grande livro da minha vida* – repetia aos amigos e colegas que encontrava no corredor da faculdade.

Concentrado num edifício singular, ponto nodal da arquitetura moderna mundial, esse texto trama uma rede de relações com a arquitetura brasileira e do globo, com um conjunto complexo de textos, conceitos críticos e personagens somente possível por causa da estatura intelectual de Segre, pela sua rígida disciplina de trabalho e pelas suas habilidades de líder. Tudo isso devia estar fervilhando em suas artérias ao contemplar a boneca digital da nova obra e imaginá-la pronta.

Depois de explorar o mundo para entender arquitetura moderna, Segre se concentrou em um objeto singular complexo. Ele podia finalmente apalpar o mundo olhando para um artifício representativo. O volume não seria *o grande livro da minha vida* apenas por ser sua obra prima, mas porque ele conseguira pôr toda a sua vida profissional em um livro.

Mais do que uma resenha convencional que pretenda ajudar o leitor a se aproximar do livro, este texto é uma preito saudoso destes seus dois amigos e quer expressar a homenagem da revista *Thésis* ao grande professor e historiador.